

---

# EDUCAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA EM MINAS GERAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O ENSINO DE ADULTOS PELO MÉTODO INTUITIVO

*Daniela Pereira Versieux\**

## Resumo

O presente artigo objetiva explicitar a forma pela qual o ensino profissional agrícola prático foi ministrado aos adultos trabalhadores na fazenda-modelo da Gameleira, entre os anos de 1906 e 1909. Objetiva também elucidar alguns aspectos da escolarização do trabalho e dos trabalhadores agrícolas em Minas Gerais nos anos iniciais da República. A fazenda-modelo da Gameleira foi uma instituição de ensino profissional agrícola que esteve vinculada ao processo mais geral de modernização do trabalho agrícola, da agricultura e da sociedade mineira. Localizou-se na zona rural de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais, Brasil, e ministrou ensino agrícola prático a vários trabalhadores e fazendeiros do Estado. Foi possível caracterizar o público para o qual a instituição foi criada, bem como explicitar alguns vínculos entre o processo de ensino-aprendizagem, dado através do método intuitivo, ou lição de coisas, e o processo de escolarização do trabalho agrícola. A produção agrícola, superando os métodos rotineiros de lida com a terra, era o enfoque de tal ensino essencialmente prático, que se constituiu de forma dual, contribuindo para que fossem expropriadas aos trabalhadores suas formas autônomas de sobrevivência e imprimindo ao método intuitivo a marca da divisão entre classes.

**Palavras-chave:** *História do Ensino Agrícola; Ensino Agrícola Prático; Método Intuitivo; Fazenda-modelo.*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo o ensino agrícola prático ministrado na fazenda-modelo da Gameleira através do método intuitivo, entre os anos de 1906 e 1909. As fazendas-modelo foram instituídas por João Pinheiro da Silva<sup>1</sup> quando este foi presidente do Estado de Minas Gerais (1906-1908). Essas fazendas fizeram parte de uma rede de instituições de ensino profissional agrícola que existiu durante a Primeira República em algumas cidades do Estado. Eram estabelecimentos de ensino voltados para um público adulto e trabalhador, nos quais não havia comprometimento com a alfabetização, com os estudos teóricos ou mesmo com a elevação da escolaridade dos aprendizes. De forma geral, pretendeu-se formar aprendizes

agrícolas aptos a realizar a modernização agrícola, superando os chamados métodos rotineiros ou tradicionais de agricultura.

A fazenda-modelo da Gameleira foi a primeira dessas instituições a ser criada, em 1906, e localizou-se na zona rural do município de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, Brasil, a seis quilômetros de sua área urbana, e existiu durante quase toda a primeira metade do século XX. Apesar de essa instituição ter existido por mais de trinta anos, este artigo limita-se a estudá-la entre 1906 e 1909. Essa delimitação de tempo deve-se a dois motivos. O primeiro deles liga-se ao fato de que, naquele período existiram outras fazendas-modelo, além da Gameleira, que fizeram parte de uma política pública calcada na modernização da agricultura, visando à introdução em Minas Gerais da modernidade capitalista. Nesse sentido, este artigo é apenas um recorte de uma pesquisa mais ampla<sup>2</sup>, que estudou essa rede de instituições de ensino agrícola entre os anos de 1906 - quando a primeira delas foi criada - e 1915, quando a maioria foi extinta. Desse conjunto institucional destaca-se a fazenda-modelo da Gameleira, devido a mais intensa produção de documentos sobre ela. O segundo motivo está vinculado à disponibilidade de fontes documentais sobre o processo de

---

\* Mestre em Educação Tecnológica (História da Educação Profissional); especialista em Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional (PROEJA); e professora da Educação Básica – ensino médio regular e ensino médio integrado à educação profissional - da Fundação de Ensino de Contagem – FUNEC. E-mail: [danielaversieux@yahoo.com.br](mailto:danielaversieux@yahoo.com.br).

Recebido para publicação em: 28.07.2011.

aprendizagem dos trabalhadores e fazendeiros que se dirigiam à fazenda da Gameleira para lá entrarem em contato com as novas técnicas agrícolas, notadamente as máquinas agrícolas de tração animal. No período de 1906-1909 essa aprendizagem esteve vinculada sobretudo ao método intuitivo. A disponibilidade de fontes, pois, estreitou ainda mais o tempo do presente estudo.

O objetivo deste texto, portanto, é compreender como se deu o ensino de agricultura ministrado aos adultos trabalhadores através do método intuitivo, preconizado como o mais eficaz para a aprendizagem dos modernos processos de lida com a terra. Objetiva também elucidar alguns aspectos da escolarização do trabalho e dos trabalhadores agrícolas em Minas Gerais nos anos iniciais da República, particularmente aqueles relativos aos sujeitos desse processo e aos seus métodos.

Para realizar tal empreendimento procurei cruzar e problematizar as seguintes fontes historiográficas: algumas edições do jornal Minas Gerais, publicadas entre os anos de 1906 e 1909; a legislação mineira sobre fazendas-modelo; cartas de João Pinheiro da Silva endereçadas a Afonso Pena, que estão sob a guarda do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; e um relatório da diretoria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, publicado em 1909.

Como suporte conceitual, fiz-me valer dos conceitos de escolarização e de expropriação. O processo de escolarização pode e tem sido definido por Luciano Mendes de Faria Filho<sup>3</sup> em três acepções. Na primeira delas, “escolarização pretende designar o estabelecimento de processos e políticas concernentes à ‘organização’ de uma rede, ou redes, de instituições, mais ou menos formais, responsáveis seja pelo ensino elementar, [...] seja pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados”<sup>4</sup>. Considero o ensino agrícola, tal qual se deu nas fazendas-modelo em Minas Gerais nos anos iniciais da República, como passível de ser entendido enquanto uma rede menos formal de estabelecimentos agrícolas, apesar de esse enfoque não ser prioritário nesta dissertação.

Em outra acepção, Faria Filho compreende a escolarização como

“a produção de representações sociais que têm na escola o *locus* fundamental de articulação e divulgação de seus sentidos e significados. Neste caso, a atenção volta-se para o que tenho chamado de implicações/dimensões sociais, culturais e políticas da escolarização, abrangendo questões relacionadas [...] ao reconhecimento ou não das competências culturais e políticas dos diversos sujeitos sociais e à emergência da profissão docente no Brasil”<sup>5</sup>.

Nesta acepção, Faria Filho chama a atenção para o conceito de forma escolar, “de uma forma especificamente escolar de sociali-

zação da infância e da juventude”<sup>6</sup> e, posso dizer, do trabalhador adulto, em se tratando da educação profissional destinada a esse sujeito. Esta forma escolar estaria relacionada com a crescente influência da escola para muito além de seus muros.

Por fim, a terceira acepção que Faria Filho atribui à escolarização diz respeito ao “*ato ou efeito de tornar escolar*, ou seja, o processo de submetimento de pessoas, conhecimentos, sensibilidades e valores aos imperativos escolares”<sup>7</sup>. Ao relacionar as três acepções acima expostas, o autor articula os conceitos de escolarização e cultura escolar, o que permite compreender o funcionamento da escola, a um só tempo, como “uma agência criadora e conservadora da cultura por meio de uma intensa prática de apropriação em relação às estruturas culturais mais gerais em que ela – a escola – está situada”<sup>8</sup>.

Essa terceira acepção é de particular importância neste artigo, que procura apreender o processo de escolarização dos trabalhadores para o campo, dos conhecimentos agrícolas que se queria introduzir na prática laboral e dos métodos de ensino na fazenda-modelo da Gameleira.

● ● ●

*o autor articula os conceitos de  
escolarização e cultura escolar,  
o que permite compreender o  
funcionamento da escola, a um só  
tempo, como “uma agência criadora  
e conservadora da cultura*

● ● ●

#### ENTRE ENXADAS E MÁQUINAS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA AGRICULTURA MINEIRA

Em fins do século XIX e início do XX, a adoção de métodos e processos aperfeiçoados na agricultura era vista como condição para o progresso econômico do Estado. Alguns setores da elite supunham que a modernização agrícola aumentaria e melhoraria a produção do Estado, trazendo desenvolvimento, crescimento e progresso para Minas Gerais. Tais métodos e processos consistiram na mecanização do trabalho, através da introdução de máquinas aratórias e de beneficiamento de produtos, na adubação dos solos e na irrigação das lavouras.

Os métodos rotineiros estavam atrelados àqueles dos tempos coloniais, e consistiam na derrubada de matas e campos virgens; nas queimadas como forma de “limpar” os terrenos destinados à agricultura; no uso de instrumentos manuais, como a enxada e a foice – durante o plantio e as colheitas; e no abandono dos solos esgotados ou “cansados” em favor da exploração de novas áreas de matas virgens<sup>9</sup>.

Em Minas Gerais, no início do século XX, o diagnóstico das elites era de que os métodos tradicionais eram predominantes na agricultura e permaneciam arraigados aos agricultores, lavradores e trabalhadores rurais. Os trabalhadores nacionais eram tidos como vadios, ociosos, inaptos ao trabalho regular, metódico e ordeiro. Consideravam-nos tomados de vícios, como a vaga-

bundagem e o desamor ao trabalho<sup>10</sup>. Nesse contexto, com o ensino agrícola as elites mineiras visaram não apenas a instruir tecnicamente os trabalhadores para o serviço do campo, mas sobretudo inculcar-lhes valores e comportamentos necessários à subordinação dos trabalhadores ao capital que se formava naquele momento, além de reduzir, com a mecanização, a dependência em relação aos braços humanos no trabalho agrícola, então a principal fonte de riqueza do Estado e das elites.

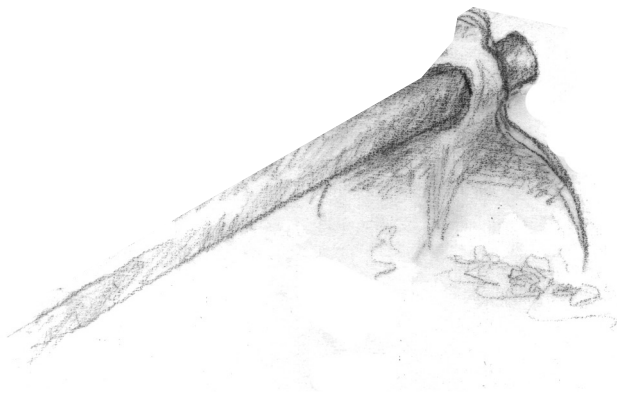
Lúcio Kowarick desmitificou essa representação do trabalhador que as elites possuíam, revelando que os trabalhadores nacionais, livres e libertos, foram marginalizados desde os tempos coloniais e tenderam “a não passar pela ‘escola do trabalho’, sendo frequentemente transformados em itinerantes que vagueiam pelos campos e cidades”<sup>11</sup>. Eram resistentes ao trabalho regular e disciplinado, e a desqualificação dos trabalhadores nacionais deu-se, assim, como uma forma de

retirar-lhes as possibilidades de trabalho recriando as condições materiais de sua marginalização e atribuindo-lhes a pecha de indolentes e indisciplinados.

[...]

Na realidade, [os nacionais] são refratários ao trabalho organizado, porque, sendo mínimas as suas necessidades, não precisam se alugar para outros de forma contínua. Basta, de quando em vez, uma jornada por semana: de resto, a disponibilidade para nada fazer, além da caça, da pesca, do pequeno plantio e da criação, que permitem a sobrevivência na pobreza e, dessa forma [...] o desamor ao trabalho e a possibilidade do ócio e do festejo.<sup>12</sup>

Em Minas Gerais as elites não conseguiram forjar uma alternativa ao trabalhador nacional, como fez São Paulo, onde a imigração se constituiu enquanto opção principal para suprir a demanda por força de trabalho nos cafezais, além de constituir um necessário mercado de reserva de mão de obra. Dessa forma, as elites mineiras tiveram que investir no aproveitamento da força



• • •

*as elites mineiras tiveram que investir no aproveitamento da força de trabalho nacional, e o ensino agrícola foi uma das formas pelas quais se tentou disciplinar os trabalhadores para o campo*

• • •

de trabalho nacional, e o ensino agrícola foi uma das formas pelas quais se tentou disciplinar os trabalhadores para o campo, submetendo-os às novas e racionais formas de agricultura<sup>13</sup>.

#### **DO FAZENDEIRO ILUSTRADO AO SIMPLES CAMARADA: OS APRENDIZES DA FAZENDA-MODELO DA GAMELEIRA**

Nesse contexto, o Estado de Minas assumiu a formação técnica dos trabalhadores adultos, muitos deles analfabetos. A fazenda-modelo da Gameleira lidou com três tipos de público, todos de adultos, nem todos de trabalhadores. Formou “operários” agrícolas, que já deveriam ser trabalhadores rurais, escolhidos dentre os mais “inteligentes e ordeiros” e enviados pelos fazendeiros para aprenderem a manejar os instrumentos agrícolas que se queria introduzir na lavoura. Essa instrução aligeirada, que durava entre um e trinta dias, e estava voltada para a imediata utilização da mão de obra na produção, sem nenhuma formação teórica, fosse ela propedêutica ou mesmo profissional.

O aprendiz era

esse moço ou velho, que, dos confins do Estado, sabe Deus que de sacrifícios, vem a esta Fazenda, em procura dos conhecimentos práticos ou mesmo um pouco teóricos, que lhe faltam para complemento de um desejo, para satisfação de uma necessidade, para obedecer, enfim, a uma ordem.<sup>14</sup>

Assim, os aprendizes da Gameleira eram, de forma geral, motivados ou por questões pessoais – desejo ou necessidade – ou pela ordem de outro, provavelmente o fazendeiro seu patrão. Outro público era formado por agricultores práticos (pequenos proprietários, arrendatários, meeiros, por exemplo) que deveriam ser formados para “mestres de cultura”, um tipo de ensino médio profissional agrícola. Eles passavam na fazenda da Gameleira um tempo maior, de até dez meses, e aprendiam,

além do manejo das máquinas modernas de agricultura movidas a tração animal, métodos de adubação orgânica e inorgânica; formas de se realizar a irrigação das plantações; e a escrituração de fazendas, calculando gastos com instalação e custeio, lucros e prejuízos dessas empresas agrícolas.

Os mestres de cultura formados pela fazenda da Gameleira atuaram na direção de estabelecimentos agrícolas estaduais, tais como outras fazendas-modelo, campos de demonstração e colônias de povoamento, instruindo novos operários agrícolas. Atuaram ainda como auxiliares de administração desses mesmos estabelecimentos; como professores de agricultura prática em alguns aprendizados e institutos agrícolas do Estado; como feitor da fazenda-modelo da Gameleira, dentre outros.<sup>15</sup>

Os mestres de cultura deveriam ser

moços de conduta reconhecidamente morigerada, nunca menores de 18 anos, aos quais serão dadas residência e alimentação gratuitas e transporte ferroviário somente no caso de reconhecida pobreza. Estes moços tomarão parte nos trabalhos diários da fazenda, durante o tempo necessário para que possam assistir e executar todas as operações relativas às culturas em exploração na fazenda, desde o amanho dos terrenos até as colheitas e o preparo de seus produtos, sendo instruídos ao mesmo tempo, em todos os detalhes das culturas e da administração.<sup>16</sup>

Esse segundo público era constituído por pessoas mais instruídas, que estavam sendo treinadas para exercer cargos, mesmo que modestos, na burocracia do Estado. As funções que muitos assumiram na Diretoria de Agricultura<sup>17</sup> exigiam algumas habilidades, como saber ler, escrever, realizar a contabilidade agrícola e a administração de pessoal e dos estabelecimentos, de forma geral. Suponho, assim, que esses mestres de cultura tiveram origens menos humildes, talvez originários de classes intermediárias da população.

O terceiro público foi constituído por fazendeiros, vindos de diversos pontos do Estado, que visitavam a fazenda-modelo da Gameleira para observar

uma porção de serviços em poucos instantes. O colega que observar uma só vez o serviço desse arado decide-se logo a comprá-lo e começar a pensar em deixar a velha rotina. Que bela e sábia lição, quanta economia de braços, tempo e dinheiro!<sup>18</sup>

Esses fazendeiros tinham origem nas diversas regiões do Estado, e o intuito do governo era convencê-los a adotar os métodos modernos de agricultura, principalmente por meio da aquisição de máquinas agrícolas aperfeiçoadas, que o governo mineiro vendia a preço de custo, subvencionando o transporte até as fazendas particulares. Além dos fazendeiros, aprendizes de operários agrícolas e de mestres de cultura, a fazenda-modelo ministrou o ensino agrícola aos menores internados no Instituto João Pinheiro, que funcionou anexo à fazenda por alguns anos.<sup>19</sup> Contudo, não me deterei aqui nestes últimos. Todo esse pessoal - os alunos do Instituto João Pinheiro, os aprendizes a operários agrícolas e a mestres de cultura - eram utilizados como mão de obra para a produção agrícola e pastoril da fazenda-modelo da Gameleira. Mesmo utilizando-se do trabalho desses diversos aprendizes, a fazenda nunca prescindiu do trabalho de jornaleiros, trabalhadores agrícolas contratados por “jornal” (diária). Entretanto, quase nada pude apurar a respeito desses trabalhadores, pois que predominou a sua invisibilidade nos documentos produzidos pelo Estado.

#### ADESTRANDO MÃOS E CORPOS NA LIÇÃO DOS FATOS: O ENSINO INTUITIVO NA GAMELEIRA

O ensino ministrado na Gameleira aos três públicos precognizados era essencialmente prático, pois não previa nenhuma parte teórica, preleções, explicações, ensino em livros, a escrita ou a leitura. O ensino prático, tal como foi formulado e experienciado em Minas Gerais nos primeiros anos do século XX, ganhou um sentido particular. Nas fazendas-modelo o ensino agrícola foi “ministrado sem aparatosos programas, mas por meio da prática diária e da experiência que cada um adquire na aprendizagem direta dos processos científicos relativos à cultura do solo e ao preparo dos produtos” (MINAS GERAIS, 1909)<sup>20</sup>. E, principalmente, esteve vinculado a uma determinada concepção de progresso e de modernização do Estado, intrinsecamente atrelado à produção racionalizada e mecanizada da agricultura.

Teresa Valdemarin compreende o ensino intuitivo como uma proposta política e educacional surgida em meados do século XIX. Também denominado “método intuitivo”, “lições de coisas” ou “ensino pelo aspecto”, este método de ensino estava estreitamente vinculado à difusão do ideário liberal republicano. De acordo com a autora,

este novo método pode ser sintetizado com dois termos - **observar e trabalhar** [...]. Observar significa progredir da percepção para a ideia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar [...] consiste em fazer [...] atividades concretas, similares àquelas do mundo adulto [no caso da educação da criança]. Aliando observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento [...] de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, **tornando indissociáveis pensar e construir**.<sup>21</sup>

---

*Também denominado “método intuitivo”, “lições de coisas” ou “ensino pelo aspecto”, este método de ensino estava estreitamente vinculado à difusão do ideário liberal republicano.*

---

---

*Havia uma preocupação em demonstrar todos os custos da produção. Desde o custo das cercas de arame, da construção das casas, passando por cada etapa da lavoura, tudo era objeto de aprendizagem.*

---

O princípio fundamental desse método consistia em instruir “*pelas próprias coisas, e não acerca das coisas*”.<sup>22</sup> Vários documentos dão conta da opção pelo método intuitivo nas fazendas-modelo, em especial na da Gameleira. João Pinheiro referiu-se diversas vezes a esta forma de ensino. Em um dos editoriais do jornal Minas Gerais, cuja autoria é atribuída a João Pinheiro<sup>23</sup>, o então presidente de Minas afirmou que na fazenda da Gameleira já se podiam fazer observações, “*raciocinando com os fatos, concluindo pela inspeção material das cousas, recebendo o conforto incomparável que se traduz depois no ‘posso fazer, porque sei como se faz’ e ‘porque vi fazer’ [...]*”<sup>24</sup>

Mas como, na prática, dava-se esse ensino? Havia uma preocupação em demonstrar a produtividade das fazendas-modelo, incluindo aí a da Gameleira, o que orientou a produção de documentos oficiais que davam conta, sobretudo, desse aspecto de tais estabelecimentos. A Diretoria de Agricultura, ao final de cada ano, precisava produzir um relatório informando suas ações. Então, dirigia-se aos encarregados das fazendas-modelo solicitando esclarecimentos. Em nenhum desses pedidos li algo referente aos aprendizes. Em geral, solicitavam:

1º Qual a área total lavrada; 2º qual o preço da aradura de um hectare; 3º qual o preço da gradagem de um hectare; 4º qual o preço da plantação, do destorroamento e da capina mecânica de um hectare; 5º quais as espécies e o número de animais existentes no estabelecimento e qual a quantidade de cada semente semeada por hectare.<sup>25</sup>

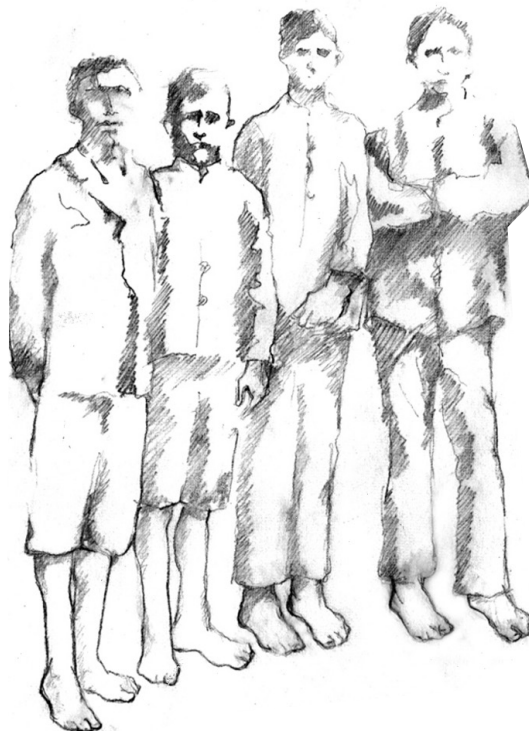
Isso dificultou, inicialmente, o entendimento de como teria se dado o ensino intuitivo, já que os citados documentos não faziam referência à forma pela qual se ensinava os aprendizes, nem quanto ao seu desenvolvimento. Em alguns documentos dizia-se somente se o seu “rendimento” havia sido bom, ruim ou nulo. Eu estava compreendendo, então, que havia uma primazia da produção sobre a aprendizagem, o que me dificultava relacionar essas duas dimensões do ensino agrícola. Essa dificuldade expressou-se, por exemplo, em outro editorial do jornal Minas Gerais, no qual se lia que “a fazenda-modelo não foi feita para ser descrita, mas para ser examinada”<sup>26</sup>, o que provavelmente

também influenciou a produção de documentos sobre essas instituições.

Contudo, e felizmente para esta pesquisa, ao menos a fazenda-modelo da Gameleira foi descrita, principalmente por visitantes que publicaram artigos em diversos periódicos do país e que foram reproduzidos pelo jornal Minas Gerais. Ao mergulhar nessa documentação, incluindo os editoriais escritos por João Pinheiro e publicados no jornal oficial, o Minas Gerais, compreendi que não havia uma primazia da produção sobre a aprendizagem. A primeira era a forma concreta pela qual se efetivava a segunda. A produção, portanto, constituiu parte intrínseca ao método preconizado por João Pinheiro e levado a cabo pelos seus mestres de cultura formados na Gameleira. Alguns indícios ajudam a elucidar essa forma específica que o ensino intuitivo assumiu na fazenda-modelo da Gameleira.

Havia uma preocupação em demonstrar todos os custos da produção. Desde o custo das cercas de arame, da construção das casas, passando por cada etapa da lavoura, tudo era objeto de aprendizagem. Em um dos editoriais do jornal Minas Gerais, João Pinheiro explicitou esse comprometimento com a produção, consoante com um determinado tipo de aprendizagem:

com o intuito de ser uma lição permanente, podendo ser acompanhada com interesse por todos que estão longe e queiram aprender a grande utilidade dos orçamentos especificados – publicaremos periodicamente a despesa feita e o serviço obtido. Nesta publicação se especificará o custo das roçadas por unidade de serviço, o custo do trabalho da terra pelos arados, também por unidade de serviço, a natureza dos arados empregados, número de trabalhadores lidando com os mesmos, número de bois ou muars empregados, numa palavra, toda a despesa feita por quinquena e todo o serviço obtido nesta mesma quinquena.<sup>27</sup>



---

■■■■■

*Em outras palavras, “a questão não era e não é de ensino de livros: - é de ver como as máquinas trabalham e como se trabalha com elas*

● ● ●

Ao que tudo indica, João Pinheiro conduzia ele próprio os trabalhos na fazenda da Gameleira. Em março de 1907, portanto há pouco mais de quatro meses de instalação e funcionamento da fazenda-modelo da Gameleira, João Pinheiro declarou a Afonso Pena que

o fazendeiro visitante, todo o dia, de relógio em mãos, ouve a exposição do chefe pratico dos serviços e verifica [so]mente, pela inspeção do trabalho das máquinas a verdade da afirmação.

Que, um ensino assim intuitivo, feito em larga escala, feito industrialmente, sem livros sem assinaturas, constitui para quem observa uma lição [violenta] e impressionante.<sup>28</sup>

Um visitante da Gameleira assim se expressou, um ano mais tarde:

“ao passarmos pela espécie de rancho onde se guardam esses aparelhos [agrícolas], já nos interessara a declaração que se lê numa das máquinas destinadas ao preparo da terra: ‘Esta máquina faz uma despesa diária de 5\$000 [cinco mil réis] e produz o trabalho de 40 homens?’”



Intencionava-se, assim, mostrar “o aproveitamento maior pela aplicação inteligente de cada coisa”.<sup>29</sup>

Essas placas estavam em todas as máquinas, segundo outro visitante da fazenda-modelo da Gameleira, como ficou atestado na seguinte passagem de um artigo do Jornal do Comércio, transcrito pelo jornal Minas Gerais:

torna-se também, muito instrutivo para o lavrador impor-se, por meio de uma declaração escrita em uma placa colocada em cada instrumento e que designa o trabalho de quantos homens suprem as respectivas máquinas, qual a economia que cada uma delas representa e que pode ser verificado por qualquer visitante.<sup>30</sup>

Em outras palavras, “a questão não era e não é de ensino de livros: - é de ver como as máquinas trabalham e como se trabalha com elas, e tudo caminhará depressa.”<sup>31</sup> Assim,

a verificação para os que lá vão, para os que lá forem [na fazenda da Gameleira], não é feita mostrando-se cálculos no papel, mas fazendo-se as máquinas trabalharem à luz do sol, sob a inspeção do interessado; e no fim do exame basta medir a área trabalhada, reparar para o pessoal que executou o serviço, para concluir pela economia assombrosa de semelhante serviço, comparado com o da enxada.<sup>32</sup>

Pode parecer que, para o visitante, principalmente o fazendeiro, o ensino intuitivo não poderia ser sintetizado em “observar e trabalhar”, como preconizou Valdemarin. Para eles, posso dizer que o método resumia-se a observar o trabalho de outrem – máquinas, animais e homens, sendo estes últimos trabalhadores ou aprendizes. Para os visitantes, letrados, aprendia-se verificando o trabalho das máquinas - lendo não em livros, mas em placas colocadas nas máquinas, que mostravam sua produtividade em relação ao trabalho manual, e também marcando o tempo, com relógio em mãos, para averiguar a veracidade das informações prestadas pelas placas. Dessa forma, aprenderiam “sem teorias, sem dar lições de livros, com um homem prático à frente do serviço e com os próprios trabalhadores comuns, quer dizer, executando a demonstração”.<sup>33</sup>

Para os fazendeiros havia também os editoriais do jornal Minas Gerais, que estavam sendo escritos para aqueles que não haviam ainda visitado a Gameleira. Eram uma espécie de complementação ao método intuitivo. Um tanto “livresco”, é verdade, mas que cumpria também o objetivo de rebater críticas sofridas por João Pinheiro quando da execução do seu programa de governo. Em um desses editoriais, escreveu João Pinheiro:

estas linhas são um convite útil aos senhores agricultores, para examinarem um negócio que é o deles; verem como as máquinas trabalham, o seu rendimento; o custo mínimo deste trabalho; como se planta; como se carpe; qual o estado das plantações obtidas; **verem com a sua prática**, que colheita as plantações estão prometendo, porque, para eles, é feito o ensinamento.<sup>34</sup>

João Pinheiro previa um tipo de ensino primário de agricultura ministrado aos adultos, que objetivava habituá-los ao manejo simples das aperfeiçoadas máquinas agrícolas. Para o estadista,

esse ensino conteria duas partes essenciais, uma teórica e outra propriamente “industrial”. Esse ensino havia sido

dividido de modo que uma repartição especial e técnica se incumba da primeira [parte], e a divulgação do trabalho mecânico e dos processos úteis, aconselhados pela teoria, seja feita intuitivamente pelos mestres práticos de cultura, espalhados pelo Estado, operando industrialmente, para que os agricultores possam avaliar das vantagens integrais e da superioridade dos processos novos, comparados com os da velha rotina.<sup>35</sup>

Esta seção técnica era destinada a satisfazer as consultas dos fazendeiros sobre os métodos modernos de agricultura e a receber as observações feitas pelos próprios fazendeiros “ilustrados”. Ela deveria ser tornar “ao mesmo tempo, um centro de convergência dos esforços esparsos, e, também, um centro de impulsão esclarecida que auxilie aos que trabalham na agricultura a remover as dificuldades sempre nascentes em semelhantes serviços”.<sup>36</sup>

Há, pois, uma aparente separação entre o pensar e o fazer no discurso de João Pinheiro. Ele relegava a teoria ao mínimo indispensável, como, por exemplo, a leitura das placas ou a leitura dos editoriais publicados no jornal Minas Gerais, pelos que tinham acesso ao periódico. E confiou a produção de conhecimentos à seção técnica da Diretoria de Agricultura, e não às fazendas-modelo e aos seus mestres de cultura e aprendizes. Contudo, João Pinheiro acreditava que era exatamente o ensino essencialmente prático que garantiria a formação de operários agrícolas inteligentes, pois os conhecimentos estariam a serviço da vida prática daqueles que fossem formados através do método intuitivo.

Retomando o que diz Teresa Valdemarin<sup>37</sup>, o ensino intuitivo consistia em observar e trabalhar, e a observação garantiria progressivamente a abstração, o desenvolvimento da inteligência, das habilidades mentais, em suma. A autora destaca que, neste método, há uma indissociabilidade entre “pensar e construir”. Porém, os fazendeiros apenas observavam, como destaquei anteriormente. Então, estaria rompida a unidade entre pensar e construir no método intuitivo proposto por João Pinheiro? Creio que não. A dimensão integradora entre pensar e fazer não foi rompida, no caso do ensino aos agricultores e criadores que visitavam a fazenda mesmo que estes não fossem os executores diretos do trabalho agrícola. No trecho destacado por mim da citação da página anterior isso fica evidente. “Ver com a sua prática” é uma expressão que revela como o observar era compreendido por João Pinheiro. Significava que a observação era “informada” pela experiência do sujeito aprendiz – fazendeiro ou trabalhador; a observação não se reduzia a apenas ver, mas ver a partir de seus múltiplos sentidos, das suas práticas cotidianas,

da sua existência concreta no mundo. Os fazendeiros apenas estavam dispensados do fazer na fazenda-modelo da Gameleira, porque a sua experiência de vida, o seu fazer anterior era mais valorizado, a sua cultura os autorizava a simplesmente observar.

Quanto aos aprendizes práticos de agricultura, além de observar, também trabalhavam. Eles *precisavam* trabalhar. Posso dizer que sua cultura, a cultura da rotina, dos métodos *maus* – utilizando uma expressão de Sérgio Buarque de Holanda<sup>38</sup> – que eles carregavam como se carrega um fardo, fazia deles, na representação das elites, indivíduos destituídos dos requisitos mínimos e indispensáveis a qualquer cidadão da República. Fica evidente, aqui, o caráter de expropriação, termo que utilizo em sentido lato, do processo de escolarização do trabalho agrícola. A cultura do povo, de um povo recém-liberto da escravidão, de um povo avesso ao trabalho manual, não poderia ser levada em conta. Ela deveria ser negada, expropriada aos trabalhadores. Es-

tes, como tábulas rasas, poderiam ser moldados na nova cultura que se queria difundir, a dos processos modernos de exploração agrícola. Além disso, é preciso afirmar que o método intuitivo proposto por João Pinheiro negava não apenas a cultura das classes trabalhadoras rurais como também o acesso à cultura letrada, à cultura das elites.

Por que, sendo de outra forma, não afirmaria João Pinheiro que

foi longo o nosso sofrimento, longo e pesado. A maldição do trabalho escravo nos legou este quinhão de dores que a geração atual está sofrendo, como todas as que vivem em época de transição.

Do mesmo modo que nas longas invernadas, depois de chuvas contínuas com o céu turvo e triste, em uma clara manhã costuma levantar-se o sol radiante, enchendo de luz e de alegria os campos, os vales e as casas, – a reorganização agora do trabalho é esta manhã do dia novo para a terra querida, que deve, que pode, que se há de libertar do grande mal que a oprime.<sup>39</sup>

Contudo, o ensino intuitivo não se resumia a placas, à cronometragem do tempo de serviço ou ao trabalho com as máquinas agrícolas. Um artigo do jornal Minas Gerais, que reproduzia outro publicado no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, é revelador. Descrevendo o articulista o que vira em visita à fazenda da Gameleira, dizia ele que havia alguns campos já preparados, em abril de 1907. Um desses campos

era um dos pedaços de terra menos férteis. O arado o havia cortado com o seu disco uma primeira vez. Sobre o terreno revolvido lançaram-se os adubos químicos [...]. Nas costas dos sulcos alinhados, o feijão começava a despontar tisticamente, mas não era preciso muita prática para compreender que não medraria. Nada importa, porque nesta fase de preparo do terreno para o cultivo o feijão só é plantado para os fins da fertilização.<sup>40</sup>

Em outro campo, igualmente ordinário,

as batatas semeadas [...] acenavam a crescer e a desenvolver-se com todo o êxito. [...] Mais adiante vê-se outro campo em terra não melhor mas que já gozou do beneficiamento de uma segunda aradura e de uma primeira estrumação vegetal pelo mesmo processo. As batatas apareciam com uma vegetação incomparavelmente mais rica e por sua vez o aspecto do feijão nada tinha de comum com o do primeiro feijão plantado no primeiro pedaço de terra observado.<sup>41</sup>

Assim, os campos eram dispostos de modo a permitir aos aprendizes, lavradores e demais visitantes da Gameleira uma visão de conjunto, em que cada pedaço de terra representava uma parte do processo de cultivo da terra: a adubação química, a adubação verde, a aração, o benefício de duas arações, e assim por diante. Outro exemplo, desse mesmo artigo do jornal Minas Gerais, dizia respeito à água. Nessa época, acreditava-se que por

ser a Gameleira banhada por dois ribeirões, o Arrudas e o Tijuco, esse precioso líquido não faltaria às explorações agrícolas. Mesmo assim, “no intuito de mostrar que também a água pode ser obtida sem excessos de despesas, o governo mandou instalar na parte mais elevada da fazenda um poço tubular que será movido por um moinho de vento cujo preço é baratíssimo”.<sup>42</sup> Mostrava-se assim, intuitivamente, as diversas maneiras de se obter água em uma fazenda: os açudes, mais conhecidos dos lavradores do Estado; a irrigação por diques de inundação, que nesse momento ainda não estavam prontos, mas que de fato foram instalados; e a retirada de água diretamente dos lençóis freáticos por poços tubulares e moinhos de vento.

As máquinas postas em funcionamento eram também uma forma de se ensinar utilizando-se o método intuitivo. Interessante notar é que “só às quintas-feiras trabalham todas e quase sempre nesse dia lá se acha s. exc. o sr. dr. João Pinheiro”.<sup>43</sup> Podia-se,

*Aos aprendizes caberia principalmente o fazer, o trabalhar para que o método funcionasse. As fazendas-modelo foram, pois, escolas destinadas a uma parcela da população trabalhadora*



assim, observar várias máquinas funcionando ao mesmo tempo, o que com certeza era muito mais convincente ao fazendeiro. Até mesmo a construção de uma casa, para aprendizes e jornaleiros, foi motivo de aprendizagem: “o dr. João Pinheiro [...] deu ordem para construir uma casa de aspecto mais gracioso [em relação à que já existia na fazenda, quando da sua compra] e que possa servir de modelo para os fazendeiros que vão por em prática as ideias e o plano constantes da organização da Gameleira”.<sup>44</sup>

Também constituiu parte do ensino intuitivo a demonstração prática da policultura. Num Esta-

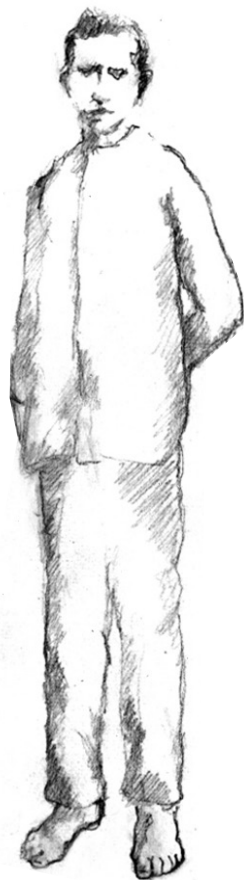
do em que a maior parte das receitas públicas, assim como boa parte da “riqueza particular”, provinha de uma única cultura, a do café, era para João Pinheiro essencial que se mostrasse aos fazendeiros as vantagens da diversificação produtiva alicerçada no fomento à produção de cereais e forragens, principalmente.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber o ensino intuitivo em cada “canto” da fazenda da Gameleira, em cada ação de João Pinheiro e de seus mestres de cultura que me foi dada conhecer. Porém, estava esse ensino voltado prioritariamente para os fazendeiros, aos quais se destinava a atividade de pensar a agricultura moderna. Aos aprendizes caberia principalmente o fazer, o trabalhar para que o método funcionasse. As fazendas-modelo foram, pois, escolas destinadas a uma parcela da população trabalhadora, do campo e da cidade, que deveria instruir tecnicamente e educar moralmente o trabalhador para a nova disciplina do trabalho regular nas lavouras do Estado.

É possível, finalmente, compreender o processo de escolarização do trabalho agrícola, entendido aqui como tornar escolar<sup>45</sup> esse tipo de aprendizagem que acontecia tradicionalmente no ambiente de trabalho, como uma face do processo de expropriação que os trabalhadores sofreram na transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Expropriação no sentido de destruição de formas mais autônomas de sobrevivência<sup>46</sup>, através da negação da cultura dos trabalhadores, da desvalorização dos seus instrumentos de trabalho tradicionais – simbolizados pela enxada – e dos seus conhecimentos sobre agricultura tradicional.

Importa destacar ainda que, ao tornar escolar o trabalho agrícola na fazenda-modelo da Gameleira, a partir do método intuitivo, este assumiu uma característica singular. Em se tratando do ensino intuitivo aplicado à educação de crianças, a indissociabilidade entre pensar e fazer era garantida pela observação e pelo trabalho; quando o método intuitivo foi trazido para a educação profissional, particularmente a agrícola em Minas

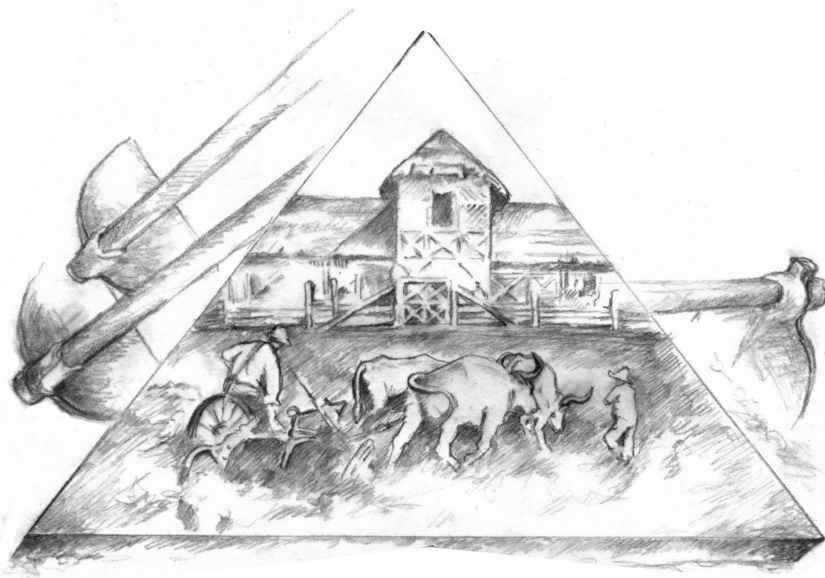




Gerais no início do século XX, percebi que nem todos precisaram trabalhar para se instruir através das lições de coisas, e nem por isso foi rompida a ideia de indissociabilidade entre pensar e construir. Posso inferir, assim, que o caráter de classe que distinguiu a trajetória dessa modalidade específica de educação também deixou sua marca no método intuitivo quando este foi aplicado ao ensino agrícola.

## NOTAS

- <sup>1</sup> João Pinheiro da Silva foi político, bacharel em direito, professor e industrial. Em 1891 foi nomeado vice-presidente do Estado, no governo provisório nomeado por Deodoro da Fonseca. Foi alçado à presidência quando Cesário Alvim renunciou ao mandato, tornando-se ministro de Deodoro. Por uma segunda vez chefiou o executivo mineiro, entre 1906 e 1908, quando fundou as fazendas-modelo. Faleceu no exercício do mandato.
- <sup>2</sup> VERSIEUX, Daniela Pereira. **Modernização e escolarização do trabalho agrícola**: as fazendas-modelo em Minas Gerais (1906-1915). 2010. 232fs. (Dissertação de Mestrado, Educação Tecnológica). Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- <sup>3</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Alvino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.
- <sup>4</sup> Id. Ibid., 2007, p. 194.
- <sup>5</sup> Id. Ibid., 2007, p. 194.
- <sup>6</sup> Id. Ibid., 2007, p. 194.
- <sup>7</sup> Id. Ibid., 2007, p. 195. Grifos do autor.
- <sup>8</sup> Id. Ibid., 2007, p. 195.
- <sup>9</sup> FERRARO, Mário Roberto. *Agênese da agricultura e da silvicultura moderna no Estado de São Paulo*. 2005. 106f. (Dissertação de Mestrado, Recursos Florestais, Conservação de Ecossistemas Florestais). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220p.
- <sup>10</sup> KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 124p.
- <sup>11</sup> KOWARICK, *op. cit.*, 1994, p. 43.
- <sup>12</sup> Id. Ibid., 1994, p. 103-104.
- <sup>13</sup> DULCI, Otávio. João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 109-136; FARIA, Maria Auxiliadora. **A Política da Gleba**: As Classes Conservadoras Mineiras; discurso e prática na Primeira República. 1992. 394 f. (Tese de Doutorado, História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- <sup>14</sup> MINAS GERAIS. DIRETORIA DE AGRICULTURA, COMÉRCIO, TERRAS E COLONIZAÇÃO. **Relatório**: apresentado ao exmo. Sr. Dr. Juscelino Barbosa, secretário das Finanças, pelo Engenheiro Carlos Prates, Diretor de Agricultura, Comércio, Terras e Colonização, referente ao ano de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1909, p. 378.
- <sup>15</sup> GONÇALVES, Irlen Antônio; VERSIEUX, Daniela Pereira. A criação das fazendas-modelo em Minas Gerais: a política pública para a educação profissional republicana nas primeiras décadas do século XX. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, IX, 2009, RIO DE JANEIRO. IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA. Rio de Janeiro: Quartet Editora & Comunicação Ltda., 2009, p. 4-15.
- <sup>16</sup> MINAS GERAIS. Decreto nº 2.027, de 8 de junho de 1907. **Coleção de Leis e decretos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1908. Art. 61, § único.
- <sup>17</sup> A diretoria de Agricultura, Comércio, Terras e Colonização era subordinada à Secretaria das Finanças e foi o órgão responsável pelo ensino agrícola no Estado de Minas Gerais durante toda a primeira República.
- <sup>18</sup> L.S.B. A Gameleira. **Jornal Minas Gerais**, ano XVI, nº. 288, 08 de dezembro de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, p. 3, col. 3, 1907. Artigo transcrito do Jornal do Comércio, de Juiz de Fora, de 6/12/1907.
- <sup>19</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **República, Trabalho e Educação**: a experiência do Instituto João Pinheiro (1909-1934). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. 174 p.
- <sup>20</sup> MINAS GERAIS. *op. cit.*, 1909, p. 7.



- <sup>21</sup> VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos como janelas e portas que se abrem para o mundo interpretado. In: SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: Ed. da Unesp, 1998, p. 69, grifos meus.
- <sup>22</sup> Id. *Ibid.*, p. 77, grifos da autora.
- <sup>23</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **As Idéias Políticas de João Pinheiro**: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados. Brasília: Senado Federal/MEC; Rio de Janeiro: Fundação Rui Barbosa, 1980. p. 13-38. (Coleção Ação e Pensamento da República); VERSIEUX, *op. cit.*, 2010.
- <sup>24</sup> AGRICULTURA. **Jornal Minas Gerais**, ano XVI, n.º 32, de 7 de fevereiro de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1907, p. 1, col. 1. Grifos no original. Autoria desconhecida, atribuída a João Pinheiro da Silva.
- <sup>25</sup> DIRETORIA DE AGRICULTURA, COMÉRCIO, TERRAS E COLONIZAÇÃO. SECCÃO CENTRAL. Expediente: dia 29 de março. **Jornal Minas Gerais**, ano XVIII, n.º 87, de 16 de abril de 1909. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1909, p. 3, col. 2.
- <sup>26</sup> A CULTURA DOS CEREAIS. **Jornal Minas Gerais**, ano XVII, n.º 11, de 12 de janeiro de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1908, p. 1, col. 2. Autoria desconhecida, atribuída a João Pinheiro da Silva.
- <sup>27</sup> AGRICULTURA. **Jornal Minas Gerais**, ano XV, n.º 277, de 25 de novembro de 1906. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1906, p. 1, col. 2. Autoria desconhecida, atribuída a João Pinheiro da Silva.
- <sup>28</sup> BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Carta de João Pinheiro a Afonso Pena, folhas 3 e 4, documento ON 26.16, microfilme AN 536-2004, de 16 de março de 1907, fl. 9.
- <sup>29</sup> EXCURSÃO AO ESTADO DE MINAS. **Jornal Minas Gerais**, ano XVI, n.º 58, de 8 de março de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1908, p. 5, col. 3. Sem autoria, artigo transcrito pelo *Jornal Minas Gerais* a partir do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.
- <sup>30</sup> MAGER, E. A Fazenda Modelo da Gameleira em Minas Gerais. **Jornal Minas Gerais**, ano XVII, n.º 117, de 18-19 de maio de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1908, p. 4, col. 3. Artigo transcrito pelo *Jornal Minas Gerais* do *Jornal do Comércio*.
- <sup>31</sup> BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Carta de João Pinheiro a Afonso Pena, documento ON 26.32, microfilme AN 536-2004, de 9 de outubro de 1907, fl. 9.
- <sup>32</sup> AGRICULTURA: FATOS. **Jornal Minas Gerais**, ano XVI, n.º 66, de 21 de março de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1907, p. 1, col. 1.
- <sup>33</sup> A CULTURA DOS CEREAIS, *op. cit.*, 1908, p. 1, col. 2.
- <sup>34</sup> Id. *Ibid.*, 1908, p. 1, col. 2, grifos meus.
- <sup>35</sup> MINAS GERAIS. **Mensagem**: dirigida pelo presidente do Estado, dr. João Pinheiro da Silva ao Congresso Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1907, p. 5.
- <sup>36</sup> AGRICULTURA, *op. cit.*, 1906, p. 1, col. 2.
- <sup>37</sup> VALDEMARIN, *op. cit.*, 1998.
- <sup>38</sup> HOLLANDA, *op. cit.*, 1995.
- <sup>39</sup> A CULTURA DOS CEREAIS, *op. cit.*, 1908, p. 1, cols. 2 e 3.
- <sup>40</sup> UM PROGRAMA EM AÇÃO. **Jornal Minas Gerais**, ano XVI, n.º 139, de 16 de junho de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1907, p. 10, col. 2. Artigo transcrito pelo *Jornal Minas Gerais* do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.
- <sup>41</sup> Id. *Ibid.*, 1907, p. 10, col. 2.
- <sup>42</sup> Id. *Ibid.*, 1907, p. 10, col. 3.
- <sup>43</sup> L.S.B., *op. cit.*, 1907, p. 3, col. 3.
- <sup>44</sup> UM PROGRAMA EM AÇÃO, *op. cit.*, 1907, p. 10, col. 3.
- <sup>45</sup> FARIA FILHO, *op. cit.*, 2007.
- <sup>46</sup> Conforme KOWARICK, *op. cit.*, 1994. Art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

## ABSTRACT

*Daniela Pereira Versieux. The new national curriculum guidelines for elementary education and their implications for technical secondary education.*

*This article aims to explain how practical vocational agriculture was taught to adult workers in the model farm of Gameleira, between 1906 and 1909. It also aims at elucidating some aspects of the schooling of labor and of farm workers in Minas Gerais in the early years of the Republic. The Gameleira model farm was an institution of vocational agriculture connected to the more general process of modernization of agricultural labor, agriculture and society in Minas Gerais. It was located in a rural suburb of Belo Horizonte, capital of Minas Gerais, Brazil, and provided practical agricultural education to several workers and farmers from this State. The group for whom the institution was created is described, and some relationships between the teaching-learning process, provided through the intuitive method (or "lessons of things"), and the schooling process of agricultural work are explained. Agricultural production, surpassing routine methods of working the land, was the focus of such essentially practical teaching, which consisted of dual forms, contributing to the expropriation of workers' autonomous forms of survival and to imprinting the stamp of class distinctions on the intuitive method.*

**Keywords:** *History of Agricultural Education; Agricultural Education Practical; Intuitive Method; Farm Model.*

## RESUMEN

*Daniela Pereira Versieux. Las nuevas directrices curriculares nacionales para la educación básica y sus implicaciones en la educación profesional técnica de nivel medio.*

*El presente artículo busca explicar la forma por la cual la enseñanza profesional agrícola práctica fue ministrada a los trabajadores adultos en la hacienda-modelo de la Gameleira, entre los años de 1906 y 1909. Busca también elucidar algunos aspectos de la escolarización del trabajo y de los trabajadores agrícolas en Minas Gerais en los primeros años de la República. La hacienda-modelo de la Gameleira fue una institución de enseñanza profesional agrícola que estuvo vinculada al proceso más general de modernización del trabajo agrícola, de la agricultura y de la sociedad de Minas Gerais. Se localizó en la zona rural de Belo Horizonte, capital del Estado de Minas Gerais, Brasil, y ministró enseñanza agrícola práctica a varios trabajadores y estancieros del Estado. Fue posible caracterizar el público para el cual la institución fue creada, bien como explicar algunos vínculos entre el proceso de enseñanza-aprendizaje, dado por medio del método intuitivo, o lección de cosas, y el proceso de escolarización del trabajo agrícola. La producción agrícola, superando los métodos rutineros de trabajar la tierra, era el enfoque de tal enseñanza esencialmente práctico, que se constituyó de modo dual, contribuyendo para que fuesen expropiadas a los trabajadores sus formas autónomas de supervivencia y imprimiendo al método intuitivo la marca de la división entre clases.*

**Palabras clave:** *Historia de La Enseñanza Agrícola; Enseñanza Agrícola Práctica; Método Intuitivo; Hacienda-modelo*